

# UMA IMERSÃO ANTROPOLÓGICA NA FARMACOLOGIA

## Rompendo as margens na ciência



An Anthropological Immersion in Pharmacology: Breaking  
the Edges in Science

Wertton Luís de Pontes Matias  
Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Brasília, Brasil  
wertton@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-9922-5925

---

CASTRO, Rosana. 2020. Economias políticas da doença e da saúde: uma etnografia da experimentação farmacêutica. São Paulo: Hucitec. 374p.

---

O primeiro contato que eu tive com trabalho da Rosana Castro, ainda na graduação, foi durante um evento acadêmico, quando uma professora e antropóloga da Universidade Federal da Paraíba me fez uma provocação ao dizer que nós, pesquisadores no campo da saúde, corpo e doença, usávamos “termos difíceis” na escrita, utilizando como referência para a provocação a tese de Rosana Castro, recém premiada melhor tese de doutorado no concurso ANPOCS<sup>1</sup> de Obras Científicas e Teses Universitárias em Ciências Sociais<sup>2</sup>. No entanto, esses “termos difíceis”, na

---

<sup>1</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

<sup>2</sup> A tese de doutorado intitulada *Precariedades oportunas, terapias insulares: economias políticas da doença e da saúde na experimentação farmacêutica*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília no ano de 2018, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Soraya Resende Fleischer, recebeu o prêmio de melhor tese de doutorado pela Anpocs (2019), pela Associação Brasileira de Estudos Sociais das Ciências e das



verdade, são nossas categorias nativas. Fazem parte do universo biomédico/da saúde e evidenciam aspectos do campo que aos poucos vamos descobrindo. Traduzir seus sentidos, valores e significados é um dos desafios, e o modo como aparecem no trabalho de Castro é um dos pontos fortes do livro.

Na obra “*Economias políticas da doença e da saúde: uma etnografia da experimentação farmacêutica*”, Castro se apropria de um movimento de “ocupação conceitual” (2020:38) dos termos da Farmacologia, através da estratégia farmacográfica que orienta sua reflexão, com o objetivo central na obra de tratar antropologicamente da experimentação farmacêutica no Brasil. A partir dessa proposta, ela nos insere, por meio de uma maestria singular, de modo provocador e intenso, ao universo farmacológico e ao trabalho etnográfico que fundamenta o livro: sobre o longo processo para realização de ensaios clínicos no país, utilizados para produção de evidência científica sobre a eficácia de uma determinada droga em seres humanos.

Ao se questionar “como os medicamentos são desenvolvidos?” (2020:25), a autora passa a responder essa pergunta, ao longo do livro, mesclando e diluindo as margens entre a Antropologia e a Farmacologia. De modo crítico, eticamente engajado e atento as questões raciais, preocupa-se com o que classifica como uma economia política que utiliza a saúde e a doença como ativo especulativo para garantia da excelência das pesquisas clínicas, a partir da precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS) e da vida.

Alinhada a uma abordagem reflexiva e analítica sobre tecnologias biomédicas e seus impactos a nível populacional e subjetivo, Castro discute corpo, saúde e doença de modo à evidenciar os aspectos metodológicos, éticos, econômicos e políticos que orientam o método considerado padrão-ouro da indústria da pesquisa clínica: o Ensaio Clínico Randomizado Internacional Duplo-Cego Controlado, o ECR. No decorrer da pesquisa, o ECR torna-se seu objeto central de investigação para o objetivo proposto de abordar o universo da experimentação farmacêutica. O livro é dividido em três partes que contam toda trajetória da pesquisa, com foco em elementos centrais que nos ajudam a compreender a complexidade do tema e os distintos modos de enxergar o contexto sócio-político que atravessa a realidade dos ensaios clínicos no país.

---

Tecnologias (Esocite) e o Prêmio UnB de melhor Tese de Doutorado na área de Ciências Humanas (2018-2019).

Na primeira parte do livro, que inclui os capítulos 1 e 2, a autora nos conta sobre sua trajetória de pesquisa, quais as dificuldades encontradas e percepções identificadas nos primeiros passos em campo. Com o intuito de apresentar ao leitor uma perspectiva ampla sobre a experimentação farmacêutica, Castro evidencia questões que são basilares para os objetivos do livro. Dentre tais, a centralidade que a ciência e os estudos clínicos, realizados pela indústria farmacêutica, ocupam para produção de confiabilidade nas intervenções de cuidado e controle da saúde em seres humanos, identificada em campo como questão ética e civilizatória. Alguns dos seus interlocutores evidenciam aspectos sobre estes estudos, como por exemplo, uma alternativa de acesso ao que “está na fronteira do conhecimento” (2020:62) para milhares de pessoas que não teriam acesso à essas tecnologias de ponta no mercado. O olhar cuidadoso da autora a estes aspectos são fundamentais para entender de que modo as pesquisas e os ensaios clínicos passam a atrair novos pacientes aos centros de pesquisa.

Através de uma densa investigação, as idas aos hospitais públicos que desenvolviam pesquisas clínicas, além do contato com eventos da área, foram movimentos fundamentais para Castro na elucidação do ECR como objeto de investigação da pesquisa. Aos poucos, especialmente a partir do contato com diversos atores centrais para condução da experimentação farmacêutica, sobretudo médicos, a autora passa a identificar a centralidade do ECR no seu campo de pesquisa, sendo o método com maior legitimidade para a indústria farmacêutica. É nesta etapa do livro que ela apresenta, também, o Cronicenter<sup>3</sup>, centro de pesquisa onde realizou trabalho de campo e teve acesso a pacientes e profissionais que fazem parte do ECR. Em respeito ao compromisso ético que estabeleceu com o Dr. Miguel, diretor do centro, a autora utilizou tarjas, que aparecem farmacograficamente no livro, para não divulgar informações que possam identificar sujeitos e locais de pesquisa.

Nesta parte do livro, Castro também apresenta a historiografia dos ensaios clínicos, destacando os eventos críticos (Das 1995) que possibilitaram que o ECR pudesse emergir como padrão-ouro, através da “transição crítica da racionalidade” (2020:83) ao longo do tempo, o que transformou o modo como a indústria organiza-se diante de um novo paradigma

---

<sup>3</sup> O nome atribuído ao centro de pesquisa e ao médico responsável por este espaço são pseudônimos, criados pela autora, com o intuito de preservar informações e a identidade dos seus interlocutores.

metodológico para as pesquisas clínicas. É interessante como Castro apresenta esse contexto a partir das disputas de narrativa no decorrer da história, até os dias de hoje, que fazem com que o ECR passe a ganhar legitimidade e autoridade moral. Esse aspecto marca a centralidade em campo do método como princípio ativo, diante da sua potência na experimentação farmacêutica contemporaneamente. Tanto para indústria, como para os médicos e profissionais envolvidos nesse universo, o ECR é visto como “eixo central de articulação de práticas de pesquisa” (2020:109).

Na segunda parte do livro, que inclui os capítulos 3 e 4, Castro trata do processo farmacocinético. Esse termo pode ser compreendido na Farmacologia como as transformações pelas quais as substâncias passam no momento em que são administradas, até o momento que são eliminadas do organismo humano. Cada etapa desse processo é pensada a partir do corpo como produtor de efeitos sobre as drogas em análise. Apropriando-se desse conceito, pensando o próprio estudo a partir de um processo farmacocinético, Castro discute de que modo o corpo assume o valor de “ativo central das economias políticas da doença e da saúde” (2020:116). Para tal, ela apresenta cada etapa farmacocinética necessária para que o ECR possa ser executado, desde o momento que ele se insere em território nacional, até a sua dispersão entre os centros de pesquisa (como o Cronicenter) onde é realizado de fato, acionando o conceito de morbiodisponibilidade como central para compreender esse contexto. Castro caracteriza essa noção como processo especulativo sobre populações, que funcionam como atrativo para indústria farmacêutica na identificação das regiões onde são implementados os estudos clínicos, com destaque as categorias de raça e doença.

A morbiodisponibilidade é algo central na proposta da autora. Castro percebe o corpo como produtor de sentido e valores no universo da Farmacologia, e é através do corpo que a farmacocinética acontece. A América Latina é uma região com perfil epidemiológico interessante para a indústria farmacêutica, e os aspectos que tornam isso possível aparecem no livro aos poucos. Através de categorias nativas como diversidade, representativo global da população, e classificações raciais que evocam discursos sobre o Brasil como o país miscigenado, Castro apresenta um cenário de competitividade internacional que vende “interfaces vantajosas” (2020:143) para patrocinadores que enxergam o país (e a América Latina como um todo) como

região interessante para o desenvolvimento de pesquisas, a partir do processo especulativo sobre nossos corpos. Além do mais, a autora também destaca que a estrutura precarizada dos serviços de saúde, a concentração populacional em grandes centros urbanos, e a relação de confiabilidade entre médicos e pacientes como elementos fundamentais para o quadro de morbiodisponibilidade da população aos estudos clínicos no Brasil.

Um dos atores centrais no diálogo com patrocinadores internacionais são as Clinical Research Organizations (CROs). Através de um cenário de competitividade internacional, os estudos chegam ao país a partir das CROs, e passam a ser distribuídos e acomodados em território nacional. Há um conjunto de medidas estabelecidas que envolvem este processo, desde a identificação dos centros de pesquisa disponíveis para realização do estudo, até a assinatura do contrato entre CRO e o local da pesquisa. No livro, Castro evidencia que a preocupação central da indústria farmacêutica é com a ampliação do mercado e de prescrições futuras do fármaco em análise. Por esse motivo, a reputação do médico responsável pelo centro de pesquisa e sua capacidade de recrutar pacientes são questões importantes nesses primeiros passos.

Além do mais, para que o ECR possa ser executado, é preciso receber a autorização sanitária. Por esse motivo, a autora se preocupa em destacar aspectos da relação entre as CROs, centros de pesquisa e os órgãos regulatórios e de controle social. O olhar atento de Castro ao que regula as preocupações morais no processo de avaliação sanitária e ética é um dos pontos fortes na escrita. Ao se inquietar com a “produção de eticidade” (2020:202), a autora discute o processo de adaptação as exigências normativas locais, através da rapidez burocrática. Essa característica está associada a promoção do que Castro articula como biodisponibilidade – processo de tornar disponível/acessível tecnologias médicas e recursos de saúde à população. Nesse contexto, a precariedade aparece como elemento central na escrita para compreender a ampliação das pesquisas clínicas no Brasil, e a necessidade de incorporação dos ECRs através da biodisponibilidade, dentro de marcos normativos e éticos que buscam não dificultar a implementação do ensaio.

Na terceira parte do livro, que inclui os capítulos 5 e 6, Castro foca no processo farmacodinâmico, que na Farmacologia é compreendido como o “efeito da droga sobre o corpo”

(Tamimi & Ellis 2009:127 apud 2020:222). No livro, no entanto, esse processo é pensado como elucidativo para o passo-a-passo do estudo clínico no centro de pesquisa. Se nos capítulos anteriores a questão central foi todo dinamismo necessário para viabilidade do estudo, nos últimos capítulos do livro a autorização para que o estudo aconteça e o dia-a-dia no Cronicenter, local de ação do ECR, tornam-se um ponto de inflexão para a abordagem sobre a experimentação farmacêutica a partir das experiências de profissionais e pacientes durante a execução do ECR. O objetivo central é apresentar o estudo clínico a partir do momento que ele começa a ser elaborado até o seu encerramento. Torna-se objeto de investigação a dinâmica cotidiana, a partir de um olhar atento de Castro às identificações raciais e ao modo como os corpos ocupam o espaço da clínica.

Cada etapa, vivenciada pelos pacientes para que se tornem elegíveis a determinado estudo clínico, funciona como elemento mobilizador para escrita dos capítulos. As etapas são: a) recrutamento, em que o centro busca atrair o maior número possível de pessoas para os ensaios, que são cadastradas nos bancos de dados e encaminhadas as novas etapas; b) pré-screening, em que avalia-se o paciente para identificação dos critérios de elegibilidade para pesquisa; c) a assinatura do termo de consentimento; d) screening, em que os funcionários analisam a condição clínica dos pacientes para identificar em qual projeto eles podem ser inseridos a partir de exames; e d) randomização, processo realizado através do sistema do próprio centro, e momento no qual o paciente tem acesso a medicação experimental.

A descrição etnográfica da autora sobre o expediente de trabalho durante essas etapas funciona como base empírica para discussão do conceito de morbioequivalência, uma das principais contribuições do livro. Se, por um lado, há uma perspectiva macro (a nível populacional) sobre os processos farmacocinéticos de classificação de morbidisponibilidades da população brasileira aos estudos clínicos, por outro, ao observar o cotidiano do centro de pesquisa, Castro nota como estratégias de recrutamento e classificação de pacientes, através de processos farmacodinâmicos, mobilizam sujeitos com trajetórias biográficas e itinerários terapêuticos equivalentes para participarem do estudo. Para além da condição clínica funcionar como critério para inclusão e exclusão de pessoas nos ensaios clínicos, a autora evidencia que a característica do Cronicenter como espaço que garante “ajuda”, mobiliza corpos

bioequivalentes para o estudo. O que “implica na presença de uma maioria negra constante na sala de espera” (2020:281).

No último capítulo do livro, Castro discute o cotidiano de realização do ECR em sua etapa de conclusão. Utilizando a categoria nativa de “pacientes de protocolo” (2020:287) para classificar pacientes inseridos no processo de pesquisa clínica, e evidenciando na escrita a relação médico/paciente, a autora descreve consultas e atendimentos. Esse contexto caracteriza os modos de execução do ECR, percebidos através de mecanismos de ação “agonistas” e “antagonistas”. Enquanto no primeiro, os fármacos experimentais são identificados como responsáveis por “ativarem uma resposta terapêutica antes ausente” (2020:290), no último, Castro destaca o protagonismo do placebo e suas funções terapêuticas.

Nas etapas finais, o ECR apresenta uma série de problemas que são evidenciados pela autora. Compromissos éticos não são devidamente respeitados, e há limites no acesso as tecnologias por pessoas que concluíram o estudo. É necessário, então, que centros de pesquisa e pacientes criem estratégias para que as pessoas não fiquem desassistidas. Como por exemplo serem incluídas em novos estudos, logo após finalizarem o anterior. Para a autora, o encerramento de determinado experimento torna pessoas morbiodisponíveis para novos experimentos bioequivalentes. Este cenário caracteriza “as gambiarras da saúde” (2020:345), e a exequibilidade do ECR a partir a precariedade.

Nas últimas páginas do livro, Castro apropria-se de uma perspectiva biopolítica sobre a produção de vida e morte (Foucault 2018), e da capitalização da vitalidade (Rose 2013), para pensar como, no universo da experimentação farmacêutica, as economias políticas da doença e da saúde fazem parte de um contexto no qual a produção de tecnologias médicas dependem de vidas precarizadas. Este é um dos aspectos que tornam o livro de Rosana Castro uma importante ferramenta para compreensão crítica sobre a experimentação farmacêutica.

Há uma contribuição significativa à literatura antropológica e à farmacológica. Sobretudo, aos que se interessem pelos estudos de medicamentos, do corpo, da saúde, das discussões sobre ética em pesquisa, além de uma via de acesso singular a estudantes da área de Saúde ao olhar característicos das Ciências Sociais ao cotidiano. Castro nos ensina sobre a potencialidade de uma abordagem preocupada

com a precarização da vida, e do exercício de uma Antropologia engajada. Sempre atenta aos corpos que circulam por esse universo, os marcadores sociais são centrais na escrita e na elucidação de cada etapa do ECR. Por esse motivo, a leitura do livro é indispensável para articulação de uma ciência que se queira antirracista e comprometida com as fragilidades do SUS e do acesso à saúde no país.

### **Referência bibliográficas**

- DAS, Veena. 1995. *Critical events: na anthropological perspective on contemporary India*. Delhi: Oxford University Press.
- FOUCAULT, Michel. 2018. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROSE, Nikolas. 2013. *A política da própria vida – Biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus.
- TAMIMI, N. A. M. & ELLIS, P. 2009. “Drug Development: From Concept to Marketing!” *Nephron Clinical Practice* 113:125-131.

Enviado: 31/05/2021  
Aceito: 02/07/2021